

CONTRIBUIÇÕES DE JANE ELLIOTT PARA SE PENSAR A QUESTÃO RACIAL NO BRASIL: Discriminação racial, lugar de fala e empatia

JANE ELLIOTT'S CONTRIBUTIONS TO THINKING RACIAL ISSUE IN BRAZIL: Racial discrimination, place of speech and empathy

Rosângela Oliveira Gomes Braga¹

<https://orcid.org/0000-0001-8750-1665>

Alexandre de Oliveira Fernandes²

<https://orcid.org/0000-0002-1556-4373>

RESUMO

Objetiva-se inicialmente, realizar uma análise do documentário “Olhos Azulados” de Jane Elliott, o qual problematiza os efeitos da segregação racial nos Estados Unidos da América, tendo como foco alunos de terceira série primária e workshops promovidos pela professora Elliott. O vídeo servirá a este artigo como mote para discutir dominação histórica, cultural e racista. A partir do documentário em tela, discutem-se categorias chave como “discriminação racial”, “lugar de fala” e “empatia”, como instrumentais para a decodificação das relações raciais no Brasil. A contribuição de autores como Frantz Fanon (2008), Gayatri Spivak (2014), Joaze Costa & Ramón Grosfoguel (2016) e Djamila Ribeiro (2017) foram essenciais para aprimorar o diálogo temático.

Palavras-chave: Discriminação racial. Lugar de fala. Empatia.

ABSTRACT

Initially, the objective is to analyze Jane Elliott's documentary “Blue Eyes”, which discusses the effects of racial segregation in the United States, focusing on third grade students and workshops promoted by Professor Elliott. The video will serve this article as a motive for discussing historical, cultural and racist domination. Based on the screen documentary, key categories such as “racial discrimination”, “place of speech” and “empathy” are discussed as instruments for decoding racial relations in Brazil. The contribution of authors such as Frantz Fanon (2008), Gayatri Spivak (2014), Joaze Costa & Ramón Grosfoguel (2016) and Djamila Ribeiro (2017) are essential to improve thematic dialogue.

¹Mestranda em Ensino e Relações Étnico-raciais (PPGER/ UFSB / CSC). Técnica em Enfermagem do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA) campus Eunápolis, Bahia, Brasil. E-mail: rosangela.braga@ifba.edu.br.

²Doutor em Ciências da Literatura (UFRJ); Professor de Língua Portuguesa e Literatura do IFBA; professor permanente do Programa de Pós-graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade/PPGREC/UFSB/Jequié; professor permanente no Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais – PPGER, da Universidade Federal do Sua da Bahia – UFSB. E-mail: aleandre.pro@gmail.com.

Keywords: Racial discrimination. Place of speech. Empathy.

1. INTRODUÇÃO

Em 04 de abril de 1968, é assassinado Martin Luther King Jr., ativista, pacifista norte americano, líder do movimento pelos direitos civis dos negros. A impactante notícia de sua morte desafia uma jovem professora a encontrar um meio de fazer seus estudantes compreenderem o que seria a intolerância e a discriminação racial presentes naquela época. A jovem é Jane Elliott, nascida em 1933, na fazenda de sua família em Riceville, Iowa, nos Estados Unidos da América. No ano de 1968, Elliott lecionava para uma turma de 28 crianças, do terceiro ano primário de uma escola pública em um vilarejo de 840 habitantes. Trata-se de uma educadora e ativista antirracista, conhecida por conta do exercício “Olhos azulados”.

Apreciando o documentário³, percebe-se que a motivação de Elliott para a realização do exercício surgiu ao ter ciência sobre a morte de Martin Luther King Jr, além do que a atividade desenvolvida no documentário nasceu após assistir ao filme “The Nazi Doctors” e ao ler “Mengele”, o qual tem guardado em sua biblioteca até o dia de hoje. Ambos – vídeo e livro – discorrem sobre as atrocidades praticadas pelos nazistas contra o povo judeu durante o holocausto, o que evidentemente deixa qualquer um indignado com textos que afirmavam que pessoas de olhos azuis, loiras e de pele branca dominariam o mundo.

A professora Elliott promoveu então, com seus estudantes a seguinte abordagem: dividiu a turma em dois grupos com identificações diferenciadas pela cor dos olhos, azuis e castanhos, cujas características são fixas, dando início a um sistema de segregação entre as crianças. O exercício ambicionava que seus alunos pudessem experimentar as lógicas da discriminação racial, análoga àquela sofrida pela população negra.

Ela planejou submetê-los, alternadamente, por um período de dois dias consecutivos a tratamentos diferenciados e injustos, não sendo permitidas escolhas por parte dos estudantes até mesmo acerca de onde tomar água. E, o

³ “Olhos Azulados” de Jane Elliott, é um documentário que discute, por meio de *workshops*, o racismo nos Estados Unidos da América. Com introdução produzida por Eduardo Gianotti, pode ser conferido em: <https://www.youtube.com/watch?v=ln55v3NWHv4>.

critério utilizado para a prática do tal exercício era, simplesmente, a cor dos olhos das crianças.

A professora Elliot aplica exercício semelhante ao que fizera com seus estudantes em *workshops*⁴. Separa trabalhadores de em empresas e instituições diversas, tendo de um lado os negros e de olhos castanhos, e os brancos e de olhos claros (azuis, verdes) de outro lado, determinando aos últimos toda sorte de estigmas e aos primeiros privilégios e o fortalecimento de seu lugar de poder, num exercício de evidente inversão do que ocorre nas sociedades ocidentais.

Relata a educadora que apesar de as pessoas estarem cientes de estarem participando de um exercício de curta duração, no qual a categorização imposta para a separação é infundada e arbitrária, as pessoas de olhos azuis demonstravam-se fragilizadas, inferiorizadas e subalternizadas diante da agilidade e habilidade da professora. E reparemos que, nas oficinas não temos mais crianças, senão adultos.

Esses adultos sentiram-se hostilizados e reagiram contrários à baixa expectativa que o exercício lhes impunha. Elliot aplicou para os de olhos azuis testes baseados no universo da cultura negra, o que lhes impedia de obter um bom número de acertos. Ora, do que se trata aqui? Do fato de que o conteúdo ensinado nas escolas é aquele imposto pelo discurso do colonizador. Não é evidente que pessoas de olhos azuis não saberiam nada acerca da cultura negra?

O cenário produzido para a oficina apresenta certas diferenças em relação ao exercício feito por Elliot com as crianças. Vamos a elas: as pessoas de olhos azuis, já com um colar que lhes marcava a abjeção, foram conduzidas a uma pequena sala, abafada, com pouca ventilação, com quantidade de cadeiras insuficientes, sob o olhar intimidante de vigias propositadamente negros. Os brancos, de olhos azuis eram então, obrigados a aguardar por um longo período. Enquanto isso, Elliott preparava as pessoas negras participantes das oficinas, para agirem, propositadamente, de maneira hostil com os sujeitos de olhos azulados.

⁴ Daremos preferência por utilizar o termo “oficina” a partir daqui, haja vista que *workshop* é palavra estrangeira que se refere a curta duração, seminários e oficinas.

Elliot os fez refletir sobre como comportamentos e atitudes preconceituosas contra negros, mulheres, idosos, homossexuais, pessoas com necessidades especiais são culturalmente instituídas por uma sociedade influenciada pelo discurso hegemônico branco e patriarcal⁵.

As pessoas de olhos azuis, no documentário, são guiadas até a sala onde estão as pessoas negras e de olhos castanhos e, em virtude da quantidade insuficiente de cadeiras, se veem obrigadas a se sentarem no chão. Inicia-se aí um conjunto de insultos e de intimidações.

Submetidas a tratamentos desiguais, humilhações e discriminações, as pessoas de olhos azuis – adultos considerados centrados e respeitáveis –, mostram-se impotentes, incapazes de lidarem com suas frustrações e com a posição subalternizada e humilhante em que estão condicionadas.

2. COMO A DISCRIMINAÇÃO SE SENTE

No primeiro dia do exercício, as crianças de olhos azuis foram exaltadas, consideradas as melhores, mais inteligentes e contempladas com benefícios e privilégios extras enquanto que, as crianças de olhos castanhos foram colocadas em posições de desvantagens. Elas receberam rótulos e colares de tecidos marrons como alusão ao grupo subalternizado socialmente. Elliott não permitia que as crianças de olhos azuis e as de olhos castanhos bebessem água do mesmo bebedouro, as brincadeiras só eram acessadas entre crianças do mesmo grupo, evitando que se misturassem.

As crianças de olhos castanhos estavam impossibilitadas de receberem suporte ou qualquer tipo de ajuda por parte do outro grupo. Além da situação imposta de subalternidade e marginalidade, durante o exercício tinham que fazer uso dos colares em volta do pescoço, como uma espécie de coleira que estabelecia a marca da diferenciação, inferiorização e causa de mal-estar em

⁵ Para Costa e Grosfoguel (2016, p.18), a formação do eurocentrismo branco, entendido por muitos como o imaginário dominante do mundo moderno/colonial permitiu e permite legitimar a dominação e a exploração imperial. O “outro” é visto como aquelas e aqueles colocados à margem da sociedade através de um discurso de civilidade e modernidade. O “outro” é representado pelo discurso dominante como inferior, anormal, abominável, abjeto, donde surgem marcadores de identidade construídos por aqueles que se põem em posição de “superioridade”, numa tática que lhes permite permanecer no topo das relações de poder.

seus portadores, pois, retratava os estigmas experimentados pela população negra.

No segundo dia, os grupos foram invertidos e as posições alteradas. Durante a dinâmica, foi possível identificar que as meninas e meninos, quando estavam em posição de superioridade, assumiram atributos de arrogância e autoritarismo, tornando-se prepotentes para com as crianças do grupo oposto. Outro aspecto observado foi o comportamento do grupo que recebia privilégios, pois àqueles que encontravam regalias, sentiam-se valorizados, contentes com sua posição; demonstravam confiança em seus atos, e com isso alcançaram bons resultados nas atividades propostas.

Fica evidente no exercício apresentado no documentário em tela, que o resultado positivo de elogios, palavras de incentivos em um ambiente favorável, culmina com o fortalecimento da autoestima dos sujeitos e que, entretanto, efeitos contrários ocorrem com o grupo subalternizado.

Elliott tornou-se reconhecida pela atividade. Stephen Bloom (2005) relata que o editor do semanário *Riceville Recorder*, ao ter conhecimento de textos escritos contra os “exercícios de segregação”, os imprimiu sob a manchete seguinte: “Como a discriminação se sente”. A partir dessa manchete, a professora Elliot começa a ser convidada à televisão NBC em Nova York.

Centenas de telespectadores escreveram cartas dizendo que o trabalho de Elliott os horrorizava. “Como você ousa tentar esse experimento cruel com crianças brancas”, disse um deles. “Crianças negras crescem acostumadas a esse comportamento, mas crianças brancas, não há como elas entenderem. É cruel com crianças brancas e causará um grande dano psicológico” (BLOOM, 2005, p.30).

Diversas foram as objeções, tanto da comunidade quanto dos professores. A família de Elliott passou a sofrer acusações, boicotes, preconceitos e segregações. Mesmo assim, não se intimidou e prosseguiu com suas atividades.

Em 1970, surge a terceira edição do vídeo, *Eye of the Storm*, ou seja, “Olho da Tempestade”. Outros filmes e documentários foram feitos por Elliott, sendo o mais conhecido, o documentário *Blue Eyed*, traduzido no Brasil por “Olhos

Azulados”, com duração de 93 minutos, dirigido e lançado por Bertram Verhaag em 1996.

O principal objetivo de Elliott era o de fazer com que as pessoas pertencentes a grupos hegemônicos fossem levadas à experiência do impacto da discriminação e, assim, refletissem sobre seus próprios preconceitos e o alcance dos efeitos psicológicos causados em pessoas vítimas do racismo, sexismo, heterossexismo, etarismo, capacitismo e tantos outros tipos de discriminações e segregações presentes na sociedade.

3. SOBRE A SEGREGAÇÃO E A REAÇÃO

A segregação racial, contra a qual Elliot luta, se reporta, por exemplo, a instituições como as do Dr. Philips, missionário da *London Missionary Society* (1819), que pregava a necessidade de preservar os autóctones da influência dos brancos, ou seja, “um meio de institucionalização da separação das raças e de garantia do controle econômico e social sobre os trabalhadores negros”. O que estava em jogo era a exploração do trabalho escravo, cujos interesses eram econômicos e desumanos (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1988, p. 64).

Historicamente, a segregação racial gerou opressão, agressão e violência – para alguns, enquanto que para outros ofertou a riqueza e o poder –, e conseqüentemente despertou uma reação por parte daqueles que foram subestimados, excluídos e tratados como objetos de mão de obra escrava. Conforme o historiador,

[...] os anos 1950 também foram um período crucial na construção de um dos movimentos sociais mais importantes da história, o da luta pelos direitos civis. Martin Luther King Júnior e outros homens justamente se tornaram heróis das famosas batalhas contra discriminação racial, novamente lançadas depois de anos de medo da Guerra Fria e no encalço da decisão da Suprema Corte, em 1954, proibindo segregação nas escolas. Porém, como o historiador Charles Payne argumenta sobre o movimento pelos direitos civis: “Os homens lideraram, mas as mulheres organizaram”. Os boicotes a ônibus, manifestações e outras mobilizações políticas contra segregação e violência racial no Sul nos anos 1950 foram iniciados por mulheres como Rosa Parks, Jo Ann Gibson Robinson e Ella Baker, ativistas de base que tiveram um papel crucial no sucesso do movimento, que continuaria na década de 1960 (KARNAL, 2007, p. 232).

A discriminação racial consiste em uma atitude depreciativa e discriminatória baseada em percepções sociais conceituadas a partir de uma ideologia eurocêntrica que substancialmente adota a forma de práticas, crenças e sistemas políticos por meio de hierarquias raciais. O racismo resultou para a população negra uma invisibilidade e a colocou à margem da sociedade, o que leva a um sentimento de inferioridade e de autonegação, influenciando de forma direta a construção da sua identidade, mas também engendrou resistências e contra-ataques.

Para as vítimas do discurso colonial, Frantz Fanon (2008, p.34) afirma que “todo povo colonizado — isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural — toma posição diante da linguagem da nação civilizadora”, porém, é imprescindível que o negro se desprenda das ideologias produzidas pelo discurso branco. O efeito da discriminação racial e histórica sobre a população negra no Brasil, atravessa um longo tempo, desde a abolição da escravatura até a atualidade.

Não à toa, Damasceno e Zanello (2018, p.451) afirmam que “a população negra brasileira ocupou historicamente as classes sociais mais pobres e de condições mais precárias na pirâmide social”. Pirâmide na qual negros, indígenas, mulheres e pobres ocupam o lugar mais distante possível do topo. As condições de vida impostas a estas populações resultam em fatores de vulnerabilidade e marginalidade que persistem até hoje, evidenciando o racismo.

Retomando o documentário de Elliot, o Presidente Lincoln há muitos anos assinou a Proclamação de Emancipação, momento em que surgiam esperanças para milhões de negros escravizados, porém, ocorre que muitos anos se passaram e os negros continuam padecendo por conta dos efeitos da colonização.

4. É POSSÍVEL O NEGRO FALAR E SER OUVIDO?

Há muito tempo que populações marginalizadas vêm lutando para ocuparem seus lugares de fala numa sociedade, como a nossa, dita democrática. Mas, o que seria esse lugar de fala? Será que o subalternizado tem

garantido o lugar de fala e tem sido levado a sério, ou seja, verdadeiramente escutado?

Assim como Gayatri Spivak (2014), Djamila Ribeiro (2017) questiona quem tem direito à voz numa sociedade que tem como norma a branquitude, a masculinidade e a heterossexualidade. É imprescindível a reflexão sobre esse lugar de fala com o intuito de desestabilizar as normas vigentes e promover a ruptura de uma voz única, de um sujeito único e proporcionar uma multiplicidade de vozes em que o sujeito subalternizado tenha a possibilidade de falar, de ser ouvido e ser levado a sério.

A condição de subalternidade é compreendida como a condição do silêncio, pois, para Spivak, o sujeito subalternizado necessita de um representante por sua própria condição de silenciado. O questionamento acerca de se os subalternizados podem falar, desvela o lugar incômodo e a cumplicidade do intelectual que julga poder falar pelo outro e, por meio dele, construir um discurso de resistência (SPIVAK, 2014, p.14).

Contribuem para essa discussão, os questionamentos de Djamila Ribeiro (2017). Seus estudos giram em torno de temas como raça, gênero e feminismo. E, problematizando Spivak, questiona, mas “será que o subalternizado nunca rompe o silêncio?” Ela se distancia de Spivak por acreditar que o sujeito subalternizado mesmo diante de obstáculos e dificuldades consegue sim, falar e ser ouvido.

Falar de racismo, opressão de gênero, é visto geralmente como algo chato, “mimimi” ou outras formas de deslegitimação. A tomada de consciência sobre o que significa desestabilizar a norma hegemônica é vista como inapropriada ou agressiva porque aí se está confrontando poder (RIBEIRO, 2017, p. 44).

Trazer à tona a realidade do racismo diário contado por negras e negros baseados em suas subjetividades e próprias percepções desestabiliza o discurso hegemônico e o mito da democracia. Mas, diante do narcisismo da branquitude, Fanon descreve que “muitos brancos, por exemplo, investem nele, já que teoricamente preferem uma imagem de si mesmos como não racistas, embora na prática ajam frequentemente de forma contrária” (FANON, 2008, p. 15).

Durante uma palestra, Elliott pergunta ao público presente, cuja maioria é de pessoas brancas, se alguém ali almejava sentir na própria pele, no próprio corpo o preconceito vivenciado por uma negra ou por um negro nos Estados Unidos da América. Ora, que alguém se manifestasse, mas, evidentemente, ninguém se manifestou.

Em um mundo que revela seus preconceitos de gênero, raça, sexualidade e religião, colocar-se no lugar do outro e tentar enxergar a realidade através de uma perspectiva diferente torna-se cada vez mais difícil. Há pessoas de cor branca que, por mais que digam que não exista o racismo, paradoxalmente, não desejam experimentar o que as pessoas negras vivenciam.

Segundo Carneiro (2005, p.76) “O biopoder não precisa da raça enquanto categoria socialmente institucionalizada para matar. Basta-lhe uma hostilidade e/ou desprezo socialmente consolidados em relação a um grupo social”. Mesmo que indiretamente, essa forma de racismo produz efeitos devastadores nas mentes e nos corpos dos sujeitos subalternizados. As manifestações do racismo nas instituições são verificadas por meio de normas instituídas, práticas e comportamentos discriminatórios que são naturalizados no cotidiano das pessoas, fruto de ignorância, de falta de atenção, do preconceito ou de estereótipos racistas.

5. SOBRE A NECESSIDADE DE SE DESENVOLVER A EMPATIA

Surge-nos a inquietação, em relação ao documentário “Olhos azulados”, de qual a motivação de Elliott, sendo ela uma professora de cor branca, para promover uma atividade dinâmica e ousada, mas também arriscada e incômoda na sociedade da qual faz parte. Fica evidente o desejo da professora de ensinar e desenvolver a empatia, cuja capacidade,

Integra na verdade tudo aquilo a que vulgarmente se chama “ser bom”. É a empatia que leva os seres humanos aos mais elevados atos de altruísmo. Quando falamos de altruísmo não falamos de dar dinheiro para obras de caridade ou doar uma herança para que jovens pobres possam ter bolsas para frequentar a universidade. Isso também é ser bom e é filantropia. Mas o altruísmo implica mais – o sacrifício – arriscar ou perder mesmo a vida a tentar ajudar ou salvar a vida de outros. Por isso, os indivíduos altruístas são objeto da nossa admiração e

imaginação, inspirando reportagens e filmes no presente, as lendas e livros do passado (GASPAR, 2014, p.30).

A conceituação do termo empatia é um processo ainda em construção e tem sua origem na palavra alemã *Einfühlung*, formada das palavras “*ein*” (em) e “*Fühlung*” (sentimento), traduzida como “sentir com”. Termo, criado pelo filósofo alemão Rudolf Lotze em 1858, entretanto, seria a tradução do termo grego *empathēia* que significa paixão, estado de emoção, formada a partir de *en* (em, dentro de) + *pathos* (sofrimento, sentimento, emoção) (BRANCO, 2010, p. 4-5). A empatia pode ser compreendida como uma desenvoltura psíquica de identificar-se com o outro, de maneira a conseguir projetar-se nas funções exercidas pelo o outro, considera-se um pressuposto de mobilidade, diante da afirmativa que somente aquele indivíduo capaz de imaginar o próprio comportamento em papéis, circunstâncias e localidades diversas do habitual se consagrará em alcançar a posição imaginada (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1988, p. 775).

Reconhecer sentimentos no outro nos ajudaria a sobreviver, na medida em que este reconhecimento traz consigo o próprio sentimento. Em outras palavras, a empatia faz surgir no observador não a mesma dor, mas a ideia próxima do que o outro sente e nossa vontade de protegê-lo. Sem este sentimento não sentiríamos a necessidade de proteger o outro, pois não conseguiríamos compreender sua necessidade de ajuda (PEREIRA, 2013, p. 7).

É nesse contexto que devemos analisar as conexões entre as relações étnico-raciais, mesmo que as pessoas de cor branca se considerem abertas e atenciosas para as questões raciais, elas nunca saberão o quão profundas são a repressão e a exclusão que elas ajudam a criar. Elliott afirma que a omissão dos brancos é uma forma de perpetuação do racismo. Os autores Kawahala e Soler (2010, p. 409) declaram que “nega-se o racismo para que ele seja invisibilizado e, assim, permaneça ativo, embora camuflado e recoberto por uma economia de poder praticamente imperceptível, mas que é muito eficaz”.

A sociedade brasileira não é diferente de outros países quanto ao modo como trata os negros, pois apesar do discurso que nega ou ameniza a presença

do preconceito e da discriminação racial, não é difícil observar ou ouvir manifestações de racismo no dia a dia dos brasileiros⁶.

A prática do preconceito é bem mais enraizada do que se imagina, e o Brasil tem sido palco de diversas manifestações de intolerância e discriminações, denunciadas em diversos meios de comunicações e redes sociais. Os resultados apresentados convalidam o discurso ainda colonial do branco, europeu, masculino, religioso e racista. Diante da denúncia da violência, do preconceito e da discriminação, não raro, apela-se para um discurso vago e impreciso em benefício da promoção do respeito. Se tais discursos fossem eficazes, os dados apresentados não seriam tão contrários e alarmantes em um estado dito democrático.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O documentário “Olhos Azulados” de Jane Elliott nos leva a inferir que o preconceito racial se encontra ainda enraizado nas práticas sociais e econômicas brasileiras. Dessa maneira, a convivência de pessoas negras nesses ambientes encontra-se repleta de estereótipos. É fundamental que se faça uma reflexão mais incisiva acerca das desigualdades raciais que permeiam as relações étnico-raciais no Brasil.

Elliott é um exemplo que deve ser acolhido, independentemente de cor/raça, gênero, sexo e classe social. Ela se tornou símbolo de combate ao racismo, pois a colonialidade ainda é reproduzida através dos discursos do poder, do saber e do ser, deixando cicatrizes nas mentes e corpos das pessoas que são minorizadas. E mais do que isso, a colonialidade é sinônimo de obscuridade, além do que, é muito utilizada pelos grupos da modernidade como estratégia para manutenção de poder.

⁶ Pesquisa realizada pela Datafolha entre os dias 18 e 19 de dezembro de 2018, com 2.077 pessoas, em 130 municípios, comprova um crescimento da quantidade de brasileiros que declaram que já foram vítimas de algum tipo de preconceito. Três em cada dez (30%) declararam que já sofreram preconceito devido a sua classe social (era 23% em 2008), 28% já sofreram preconceito devido ao local de moradia (era 21%), 26% devido à sua religião (era 20%), 24% devido ao seu tipo de sexo (era 11%), 22% por sua cor ou raça (era 11% em 2007) e 9% por sua orientação sexual (era 4% em 2008).

As manifestações de racismo estão comprovadas em pesquisas, em sites, redes sociais, em noticiários e tantos outros, ou até mesmo em diálogos em salas de aulas com discentes ao se tratar da temática. Para muitos, “respeitar o outro” seria um gesto de urbanidade, expressão de gentileza, delicadeza ou magnanimidade, discurso utilizado como uma espécie de tolerância benéfica para manter intactas as relações de poder. Pessoas que se declaram não preconceituosas costumam se perceberem dotadas de atributos positivos por se considerarem sensíveis em relação ao outro, dotados de compaixão, neutras diante das violências provocadas ao outro e assim, perpetuam o silenciamento dos grupos subalternizados evitando reflexões por acreditarem no mito da democracia.

Sendo assim, não basta denunciar o preconceito, é preciso desestabilizar processos de normalização e marginalização. Faz-se necessário abalar os códigos dominantes de significação e as relações de poder. Elliott não só incomodou como também levou toda uma sociedade a refletir, mesmo que muitos tiraram suas máscaras e deixaram transparecerem o quanto eram preconceituosos, racistas e insensíveis com a causa da população negra. As experiências realizadas por essa professora despertaram críticas diversas, porém os depoimentos dos antigos alunos e alunas que hoje se apresentam como indivíduos sensíveis aos problemas do racismo e da discriminação se tornam motivadores para a contínua luta contra a segregação racial. Finalmente, o documentário em tela, aposta no caráter positivo do trabalho de Elliott, antirracista e acolhedor das diferenças, não à toa, continua a desenvolver suas oficinas, isto desde 1968, agora com pessoas adultas.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Luís E.; WERNECK, Jurema; LOPES, Fernanda (orgs.). **Saúde da população negra**. 2ª ed. Brasília, DF: ABPN – Associação Brasileira de Pesquisadores Negros, 2012. (Coleção negras e negros: pesquisas e debates / coordenação Tânia Mara Pedroso Müller).

BLOOM, Stephen G. Lesson of a Lifetime. **Smithsonian Magazine**. Set. 2005. Disponível: <https://www.smithsonianmag.com/science-nature/lesson-of-a-lifetime-72754306/> . Acesso: 01 nov. 2019.

BLUE Eyed. Documentário: **Olhos Azulados**. Diretor: Bertram Verhaag. 1996. Jane Elliot. Disponível: https://www.youtube.com/watch?v=0M_JtUjxtmY&t=98s. Acesso: 23 set. 2019.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política**. trad. VARRIALE; Carmen C, *et al.*; Cord. Trad. João Ferreira; Rev. geral João Ferreira e Luis Guerreiro Pinto Cacaís. Brasília: Universidade de Brasília, 11ª ed., 1998. Vol. 1. 674 p.

BRANCO, Heloiza de C. **Empatia no ensaio coral**: aspectos dessa interação não-verbal dos cantores com o regente durante a execução musical. 2010. 165 f. Tese (Doutorado em Música) – Unicamp, Campinas, 2010. Disponível: http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/284004/1/Branco_HeloizadeCasello_D.pdf. Acesso: 18 nov. 2019.

CARNEIRO, Aparecida S. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. 339 f. Tese (Doutorado em Filosofia da Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

COSTA, Joaze B.; GROSFOGUEL, Ramón. Decolonialidade e perspectiva negra. **Revista Sociedade e Estado**, v. 31, n. 01, p. 15-24, 2016.

DAMASCENO, Marizete G.; ZANELLO, Valeska M. L. Saúde Mental e Racismo Contra Negros: Produção Bibliográfica Brasileira dos Últimos Quinze Anos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 38, n. 3, jul./set. 2018.

DATAFOLHA. **PRECONCEITO**. INSTITUTO DE PESQUISA DATAFOLHA. Opinião Pública, dossiês. São Paulo, dez.2018. Disponível: www.datafolha.com.br. Acesso: 18 nov. 2019.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

GASPAR, Augusta. **Neurobiologia e Psicologia da Empatia**: Pontos de partida para a investigação e intervenção da promoção da empatia. p.27-42. 2014. Disponível: https://www.researchgate.net/publication/268390613_Neurobiologia_e_Psicologia_da_Empatia. Acesso: 17 out. 2019.

KARNAL, Leandro; et al. **História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI**. São Paulo: Contexto, 2007.

KAWAHALA, Edelu; SOLER, Rodrigo D.V. Por Uma Psicologia Social Antirracista: Contribuições de Frantz Fanon. **Psicologia & Sociedade**, Florianópolis: UFSC, p. 408-410, 2010.

PEREIRA, Juliano S. Algumas reflexões sobre o conceito de empatia e o jogo de rpg no ensino de história. **XXVII Simpósio Nacional de História**. Conhecimento histórico e diálogo sócia. Natal, RN. 22 a 26 de jul. 2013. Disponível:

http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364641045_ARQUIVO_ALGUMASREFLEXOESSOBREOCONCEITODEEMPATIAEOJOGODERPGNOENSINODEHISTORIA.pdf. Acesso: 18 nov. 2019.

RIBEIRO, Djamila. **O que é: lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

SPIVAK, Gayatri C. **Pode o subalterno falar?** Trad.: Sandra R. G. Almeida; Marcos P. Feitosa; André P. Feitosa. Belo Horizonte: UFMG, 2014. (Babel).

VERA, Lil; CRISTIANO, Juan. Los afrodescendientes. *In*: AROCENA, F.; AGUIAR, S. (Ed.). **Multiculturalismo en Uruguay**: Ensayo y entrevistas a once comunidades culturales. Ediciones Trilce, 2007.